

## A FAMÍLIA RICA

Eddie Ogan Na Revista Virtue [Virtude]

Jamais esquecerei aquela Páscoa de 1946. Eu tinha 14 anos, Ocy, minha irmãzinha, 12, e Darlene, minha irmã mais velha, 16. Morávamos com mamãe, e nós quatro sabíamos o que significava abrir mão de muitas coisas.

Meu pai morrera cinco anos antes, deixando mamãe sem dinheiro e com sete filhos em idade escolar para criar. Mas em 1946, minhas irmãs mais velhas já tinham casado, e meus irmãos já haviam saído de casa.

Um mês antes da Páscoa, o pastor de nossa igreja anunciou que haveria uma oferta especial destinada a uma família pobre.

Ele pediu que todos economizassem e fizessem uma oferta sacrificial.

Quando chegamos em casa, conversamos para decidir o que seria preciso fazer. Decidimos comprar uns 25 quilos de batata e passar o mês todo apenas a batatas. Isso possibilitaria uma economia de 20 dólares nas compras de mercearia, que poderiam fazer parte da oferta.

Depois, achamos que, se ficássemos com as luzes apagadas o maior tempo possível e não escutássemos o rádio, poderíamos economizar na conta de eletricidade. Darlene procurou fazer faxina no maior número de casas possível, e nós duas trabalhamos de baby-sitter para quem quer que precisasse de nossos préstimos.

Com 15 centavos, poderíamos comprar um número suficiente de rolos de algodão para confeccionar três suportes de potes e vendê-los por um dólar. Conseguimos arrecadar 20 dólares apenas com os suportes de potes.

Aquele foi um dos melhores meses de nossa vida. Contávamos o dinheiro todos os dias para saber quanto tínhamos economizado. À noite, sentávamo-nos no escuro e conversávamos sobre a maneira como a família pobre desfrutaria o dinheiro que a igreja doaria. Havia cerca de 80 pessoas em nossa igreja, portanto calculamos que a oferta final seria 20 vezes maior do que a quantia que conseguíssemos economizar. Afinal, todos os domingos o pastor lembrava os membros para economizar para a oferta sacrificial.

Um dia antes da Páscoa, Ocy e eu fomos ao armazém e pedimos ao gerente que substituísse nosso dinheiro trocado por notas novinhas de 20 e de dez. Corremos para casa para mostrá-las a mamãe e Darlene. Nunca tivéramos tanto dinheiro antes.

Aquela noite, estávamos tão entusiasmadas que mal podíamos dormir. Nem ligamos para o fato de que não teríamos roupas novas para a Páscoa. No entanto, conseguíramos uma oferta de 70 dólares. Mal podíamos esperar para chegar à igreja.

No domingo de manhã, chovia muito. Não tínhamos guarda-chuva, e a igreja ficava cerca de 1,5 km de casa, mas não dávamos a mínima para a chuva e as roupas molhadas. Darlene tinha um papelão nos sapatos para cobrir um buraco na sola. O papelão partiu-se, e os pés dela ficaram molhados. No entanto, nós nos sentamos altivamente na igreja. Escutei

algumas adolescentes conversando sobre as meninas da família Smith, pois estavam usando vestidos velhos. Olhei-as e observei as roupas novas que vestiam, mas mesmo assim me senti muito rica.

Quando a oferta sacrificial foi recolhida, estávamos na segunda fileira, bem na frente. Mamãe colocou a nota de dez dólares, e nós meninas, uma nota de 20 cada. Quando voltamos para casa, cantamos durante todo o trajeto. No almoço, mamãe tinha uma surpresa para nós, pois comprara uma dúzia de ovos, e, com a batata frita, comemos ovos cozidos - nossos ovos de Páscoa.

Nessa mesma tarde, o pastor veio de carro até nossa casa.

Mamãe o recebeu à porta, falou com ele um momento e, a seguir, entrou em casa com um envelope na mão. Perguntamos o que era, mas ela não disse uma palavra sequer. Abriu o envelope, e o maço de notas caiu sobre a mesa. Havia três notas novinhas em folha de 20 dólares, uma de dez e 17 de um dólar.

Mamãe colocou o dinheiro de volta no envelope. Não dissemos nada, apenas olhamos para o chão. Antes, sentiamo-nos milionárias, mas agora pairava no ar a sensação de que éramos um lixo e realmente pobres.

Tínhamos uma vida tão feliz. Ficávamos tristes por todos os que não tinham pais como os nossos, e uma casa cheia de irmãos e irmãs e amigos, as outras crianças que sempre vinham nos visitar.

Achávamos engraçado dividir os talheres, e nunca saber quem comeria de garfo e quem ficaria com a colher à noite. Tínhamos duas facas que passavam de mão em mão, para quem precisasse delas.

Sabia que não tínhamos as coisas que as outras pessoas possuíam, mas nunca achei que éramos pobres. Nessa Páscoa, descobri que éramos. O pastor nos trouxera o dinheiro destinado à família pobre, portanto deveríamos ser pobres.

Não gosto de ser pobre. Observei meu vestido e sapatos, velhos e bem batidos, e fiquei com tanta vergonha que não queria mais ir à igreja. Provavelmente, todos lá já sabiam que éramos pobres! Pensei no pessoal da escola. Estava no primeiro ano do ensino médio e era uma das melhores alunas em uma classe com mais de 100 alunos. Fiquei imaginando se as crianças da escola também achavam que éramos pobres. Pensei que também poderia abandonar a escola, visto que já terminara a oitava série do ensino elementar. Na época, era tudo o que a lei exigia como educação obrigatória.

Nós nos sentamos em silêncio por um longo tempo. Depois, quando ficou escuro, fomos para a cama. Aquela semana toda, nós, as meninas, fomos à escola e voltamos para casa. Não conversávamos muito, pois nenhuma de nós estava animada para um bate-papo. Por fim, no sábado, mamãe nos perguntou o que queríamos fazer com o dinheiro. O que as pessoas pobres fazem com dinheiro? Nós não sabíamos. Nunca havíamos percebido que éramos pobres.

No domingo, não estava a fim de ir à igreja, mas mamãe disse que tínhamos de ir. Embora o dia estivesse ensolarado, não conversamos a caminho da igreja. Mamãe começou a cantar, mas ninguém a acompanhou, e então ela só cantou uma estrofe. Naquele domingo, o pregador era um missionário. Ele falou sobre as igrejas da África, feitas com tijolos de barro que secavam ao sol, mas que, mesmo assim, ainda necessitavam de

dinheiro para comprar o telhado. Ele nos explicou que 100 dólares eram suficientes para colocar o telhado em uma igreja. O pastor disse:

"Será que não podemos fazer um sacrifício para ajudar essas pessoas pobres?".

Olhamos uma para a outra e, pela primeira vez em uma semana, sorrimos. Mamãe pegou a bolsa e retirou o envelope.

Ela o passou a Darlene, que o passou para mim, e eu o entreguei a Ocy, que o colocou na caixa de ofertas.

Quando contaram a oferta, o pastor anunciou que haviam recolhido um pouco mais de 100 dólares. O missionário ficou muito entusiasmado, pois não esperava uma oferta tão alta em uma igreja tão pequena.

Certamente, há pessoas ricas nesta igreja! - disse ele. De repente, algo nos surpreendeu! Da quantia, que era um pouco mais de 100 dólares, nós havíamos ofertado 87 dólares.

Éramos a família mais rica da igreja! Afinal, não foi isso que o missionário disse?